

OS EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DAS CRIANÇAS

THE EFFECTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON CHILDREN'S MENTAL HEALTH

Joyce Luzia Chaves Dutra¹

Natália Cristina Correa Carvalho²

Thamires Aparecida Rodrigues Saraiva³

Resumo

Este trabalho descreve e analisa, a partir do discurso de crianças do ensino fundamental, os efeitos da pandemia de Covid-19 em relação à sua saúde mental. Pensando na importância do contato social para o desenvolvimento das crianças e considerando a escola como um dos principais espaços que promovem essa interação, devemos dar voz às crianças e buscar compreender suas opiniões e sensações nesse contexto em que as aulas presenciais foram suspensas.

Palavras-chave: Pandemia. Covid-19. Crianças. Interação social.

Abstract

This paper describes and analyzes, from the children's discourse of elementary school, the effects of the Covid-19 pandemic in relation to their mental health. Thinking about the importance of social contact for the development of children and considering the school as one of the main spaces that promotes this interaction, we must give children a voice and try to understand their opinions and feelings in this context in which the face-to-face classes were suspended.

Keywords: Pandemic. Covid-19. Children. Social interaction.

Introdução

O presente artigo visa compreender, sob a perspectiva das crianças, as consequências da pandemia de Covid-19 e observar o efeito dessa experiência na sua saúde mental, com base

¹ Graduanda em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
E-mail: joyceluzia98@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
E-mail: natalia-c-@hotmail.com.br

³ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
E-mail: thamiressaraiva89@gmail.com

em dados qualitativos, como a fala das crianças e as contribuições teóricas da Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky, da Educação Crítica de Paulo Freire e da Pedagogia Crítico-Social de Libâneo.

Para alcançar este objetivo, foram realizadas, obedecendo às recomendações de isolamento social da Organização Mundial da Saúde (OMS), entrevistas não estruturadas com cinco crianças de faixa etária entre 8 a 10 anos de idade por meio do aplicativo WhatsApp, sob supervisão dos pais ou dos responsáveis. As crianças escolhidas foram vizinhos, sobrinhos ou irmãos que estivessem cursando os anos iniciais do Ensino Fundamental em escola pública.

Nas entrevistas, questionamos a essas crianças quais os sentimentos em relação à quarentena; do que mais sentiam falta na escola; como estava sendo ficar sem aulas presenciais; o que haviam feito para passar o tempo e, por último, perguntamos se tinham algum pedido para fazer naquele momento.

Inicialmente, este artigo apresenta como se dá o desenvolvimento por meio das interações e a participação das crianças no processo de construção de sua subjetividade.

O desenvolvimento humano é um processo de aprendizado que ocorre na interação entre o indivíduo e o ambiente sociocultural que o cerca, ou seja, para que sejamos humanos, necessitamos do auxílio de outro humano nessa jornada de desenvolvimento e descobrimento. Para Vygotsky (1982), “o sujeito é ativo, ele age sobre o meio”, ou seja, aprendemos valores, normas sociais, condutas, identificações de gênero e identidade individual, tudo em dialética com o nosso meio social que molda nossas subjetividades. Nesse sentido, o sujeito é ativo, pois age no mundo, da mesma forma que o mundo age nele.

Esse desenvolvimento humano não é possível ocorrer de forma passiva. Nós adultos afetamos e somos afetados pelas contingências da vida em sociedade, e com as crianças não seria diferente.

O primeiro contato que o ser humano tem com o meio social é por meio da família, que lhe possibilita aprender a fazer uso da linguagem, da simbolização e de condutas sociais passadas de geração em geração. Em conformidade com Borsa (2007), “a criança quando nasce já é membro de um grupo social, pois suas necessidades básicas estão inevitavelmente ligadas às outras pessoas” (BORSA, 2007, p. 2). Dessa forma, as interações sociais surgem e permanecem ao longo de toda a vida humana, e passarão para as próximas gerações os comportamentos e as condutas aprendidos no contexto das atividades sociais humanas.

Mas, logo que chegamos à idade escolar, nos deparamos com um mundo novo e cheio de possibilidades. É aí que conhecemos o mundo além do núcleo familiar e, então, podemos perceber o papel essencial da escola. Papel que está além dos conteúdos programáticos, pois

também envolve o ensinar a criar laços, permitindo, assim, que a criança aprenda através da socialização.

Os aspectos constitucionais do desenvolvimento da criança aprendidos em suas vivências familiares são de grande importância para o processo escolar, visto que as práticas sociais da criança serão agregadas aos ensinamentos escolares, contribuindo para a sua formação social e subjetiva. Em concordância com Borsa (2007, p. 4), “A criança chega à escola trazendo consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, por isso o ambiente escolar será uma peça fundamental em seu desenvolvimento”. Além disso, conhecer os aspectos constitucionais é necessário, uma vez que, a partir deles, entendemos as regras, leis e normas que constituem a nossa cultura.

Nesse sentido, a criança precisa ter contato com o outro que tenha mais experiência/conhecimento, para ter uma elaboração mais complexa do mundo, ou seja, ela necessita da mediação para aprender a desenvolver o cérebro para a criatividade e os pensamentos abstratos. Segundo Kaulfuss (2015, p. 12), a interação com o outro não se restringe ao professor, pois “os colegas presentes podem ser importantes mediadores entre o indivíduo e o objeto do conhecimento”.

É essa interação que nos permite questionar, argumentar, entender que temos direitos e deveres e, enfim, aprendemos a ter percepção do mundo, além de ser a escola uma das instituições de manutenção da cultura e de intercâmbio cultural, por promover importantes trocas de conhecimentos adquiridos nas relações sociais familiares.

O contato com outras crianças e com os adultos em uma escola possibilita à criança estar em meio a um ambiente produtivo para o desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores e conceitos científicos, como aponta Vygotsky (2005):

Os anos escolares são, no todo, o período ótimo para o aprendizado de operações que exigem consciência e controle deliberado; o aprendizado dessas operações favorece enormemente o desenvolvimento das funções psicológicas superiores enquanto ainda estão em fase de amadurecimento. Isso aplica também ao desenvolvimento dos conceitos científicos que o aprendizado escolar apresenta à criança (VYGOTSKY, 2005, p. 131).

A escola tem um papel importante em nossas vidas, o papel de ser formadora de cidadãos críticos e inseridos em um contexto social. Além disso, é um dos lugares mais significativos na vida da criança ou do jovem, pois é nesse ambiente que eles passam a maior parte do tempo, ampliam seus relacionamentos interpessoais e entram em contato com uma série de conhecimentos e vivências (SOUZA; PETRONI; BREMBERGER, 2007, p. 104).

Assim, é importante ter a concepção de que no período escolar estabelecemos laços de amizades que podem durar por longos anos, não se pode negar a importância dessa entidade em nossa formação social em nível comunitário e singular.

Somos seres sociais que necessitam do outro para se estabelecer como tal, contudo, com o advento da pandemia, somos forçados a manter um distanciamento físico. Os adultos podem encontrar maneiras de “driblar” esse distanciamento, como, por exemplo, com trabalhos em *home office*, conversas em aplicativos etc., mas e quando se trata de crianças em idade escolar? Eles sentem os impactos? Como lidar com o distanciamento físico e, em alguns casos, sem o auxílio dos recursos virtuais de comunicação, principalmente neste momento de intensas buscas por interações sociais e descobrimento de novos mundos que as crianças enfrentam?

A função social da Escola

As crianças que participaram da conversa pelo aplicativo WhatsApp têm idade entre 8 e 10 anos, residem na Região Metropolitana de Belo Horizonte e estão matriculadas na rede de ensino pública. A reflexão sobre a realidade é fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos, para que se tornem plenamente conscientes, comprometidos e prontos para intervir na realidade, a fim de transformá-la (FREIRE, 1979, p. 19). Por isso, é importante que se estabeleça com as crianças uma reflexão sobre o atual contexto, para que se tornem agentes capazes de contribuir, a seu modo, na superação deste momento.

Portanto, através do diálogo, foi possível observar que as crianças têm consciência sobre o que é o Coronavírus/Covid-19, como assinala a aluna Y de 8 anos: *“É uma doença que provoca os idosos e também que ela é uma doença respiratória e que ela é muito grave, ela tem sérias coisas, então, tem doença que a gente pode sair, essa não pode.”* Podemos ver como, de fato, as crianças estão tentando assimilar o atual momento, observando as falas dos adultos, os jornais e, a partir disso, formulando suas próprias conclusões.

Apesar de estarem brincando e buscando formas de ocupar o tempo na quarentena, como menciona uma das crianças, *“eu acho que jogar é meu passatempo, estudar é meu passatempo, brincar é meu passatempo, acho que é isso que tô fazendo nessa quarentena.... Brincar né... Brincar...”* (Y, 8 anos). As crianças afirmam sentirem falta da escola, pois, além de estudar, o ambiente escolar permite a essas crianças brincar com os colegas e realizar atividades físicas: *“Eu gostava de comer no recreio, das aulas de Educação Física, de Matemática e conversar com meus amigos.”* (M, 9 anos).

Relacionando com a teoria psicogenética de Henri Wallon, o brincar é fundamental para o crescimento e o desenvolvimento das crianças. Por meio das atividades lúdicas, que mudam na medida em que a criança se desenvolve, ela é capaz de vivenciar experiências e aprender. Através das brincadeiras, dos jogos, a criança interage com o meio e desenvolve sua imaginação nas brincadeiras de faz-de-conta, por exemplo, e também aprimora sua criatividade, sua percepção e a motricidade ao brincar (GALVÃO, 1995).

Outro fator nas falas das crianças que nos permitiu perceber outro aspecto essencial da escola... a socialização! Além da função educativa, a escola é essencial para que as crianças possam estar em contato com seus pares e desenvolvendo suas potencialidades. Sobre os benefícios da interação social na escola, Libâneo (1985) explica que:

O ato pedagógico pode, então, ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto no nível do interpessoal como no nível da influência do meio, interação essa que se configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos, visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida (LIBÂNEO, 1985, p. 97).

Com base na citação, entende-se que o desenvolvimento humano é um processo de aprendizagem que ocorre na interação entre o indivíduo e o ambiente cultural que o cerca. Nesse sentido, à medida que interagimos com o outro, somos capazes de aprender e ensinar, o que nos torna elementos ativos no mundo.

As crianças também mencionam a saudade do recreio, pois esse é o momento que possibilita maior socialização. O aluno C, de 9 anos, explica que sente falta principalmente do recreio, porque era nesse momento que ele: *“brincava de correr com os colegas”*. Considerado como um direito à liberdade no Artigo 16 inciso IV do Estatuto da Criança e do Adolescente, a brincadeira, a prática de esportes e a diversão são componentes primordiais no desenvolvimento das crianças (BRASIL, 1990).

A brincadeira é fundamental no desenvolvimento infantil. A partir do brincar, as crianças realizam a introjeção do mundo em que vivem, inserindo em suas brincadeiras as regras e condutas sociais, além disso, é através das brincadeiras que as crianças desenvolvem suas habilidades psicomotoras, possibilitando seu desenvolvimento saudável.

De fato, as crianças não estão passando pela pandemia de forma passiva, pois, assim como os adultos tiveram suas relações interrompidas e estão tendo que lidar com a mesma situação, em detrimento do cancelamento das aulas presenciais. Desde o mês de março de 2020, elas tiveram suas rotinas alteradas e suas relações escolares interrompidas, *“Acho que tenho saudade de tudo... tudo, tudo.”* (B, 10 anos).

Com a fala da criança B, podemos perceber o impacto da pandemia na saúde mental das crianças, por isso, é importante que se tenha o cuidado de olhar para as crianças enquanto o retorno às aulas presenciais não for autorizado, pois as mesmas sentem saudade da escola, das aulas, dos colegas e dos professores. Isso nos possibilita perceber que a mudança que essas crianças enfrentam vai além de não poder brincar na escola ou não ter contato com os amigos, atinge, de modo geral, suas práticas habituais.

A mudança na rotina

A escola ensina aos alunos certos valores sociais no conteúdo que educa, nas formas como organiza a didática, nas normas morais que reforçam e na concepção de sujeito que ela produz. É nas escolas que a cultura se desenvolve e se mantém de geração em geração. Por isso, é tão importante que as instituições escolares respeitem os saberes que os educandos já possuem e relacionem o que é ensinado com a realidade vivida (FREIRE, 1996, p. 15).

As aulas presenciais apresentam grande importância para as crianças, como aponta a criança Y: *“Eu gosto de estudar, e... eu queria tá lá na sala de aula [...] Eu gosto de conversar lá na escola e é muito ruim ficar... sem fazer... sem ter aula.”* (Y, 8 anos). Não há dúvidas de que as aulas presenciais são benéficas para as crianças, além do que, elas sentem falta do ambiente escolar, pois são esses momentos de interação entre todos que permitem o seu desenvolvimento, visto que as crianças estão em contato com outras crianças da sua faixa etária, o que lhes permite aprender e ensinar, desenvolvendo-se ao brincar, estudar, pintar, cantar, entre outras atividades escolares.

A maioria das crianças relatou não estar gostando da pandemia, e é perceptível que elas possuem consciência, ainda que de forma limitada, do que está acontecendo no mundo atualmente. Como estão presentes no mundo, as crianças, assim como os adultos, são corpos conscientes, capazes de conhecer através da ação e da reflexão sobre a realidade (FREIRE, 1981, p. 72). Nesse sentido, é fundamental que os adultos, ao praticar medidas que evitam a propagação do vírus, expliquem para as crianças a necessidade dessas medidas.

É importante que voltemos o nosso olhar para as crianças, pois elas estão sempre observando e tomando consciência dos acontecimentos que ocorrem ao seu redor. A aluna B, de 10 anos, explica o que entende sobre as causas da pandemia de Covid-19: *“Um vírus que... que começou na China e agora está contaminando todo mundo.”* Sobre a forma como se sente em relação à pandemia, a mesma aluna relata: *“Eu não gosto de jeito nenhum de ficar em casa, eu detesto, eu gosto de sair, gosto de ir para o shopping, eu gosto de fazer compra, não gosto*

de ficar em casa. Eu já não gostava nem quando era dia normal, sem ser na quarentena, e agora mesmo que a gente tem que ficar em casa tá sendo pior.” (B, 10 anos)

Além de relatar como se sentia em relação às mudanças, uma das crianças destacou que sente medo de contrair o vírus: *“eu não quero pegar, tenho medo. Ficar em casa é muito ruim, a gente não pode sair”* (M, 9 anos). O aluno C, de 9 anos, explicou como se sente ao usar a máscara de proteção, definida no Decreto Municipal da Prefeitura de Belo Horizonte (17.332/2020) como obrigatória. *“Não poder sair sempre é ruim. Tem que usar máscara quando sai e a máscara é muito ruim... o pano pinica a gente, você abafa dentro daquilo... fica ruim pra respirar”* (C, 9 anos).

É fundamental que se promova a explicação sobre o motivo desse distanciamento social e a utilidade da máscara de proteção. Por isso, além do afastamento social como medida para interromper a transmissão de um vírus que pode ser mortal e da imposição das medidas de proteção e higiene, é necessário que as crianças tenham consciência da razão para essas medidas.

Demais crianças compartilham do mesmo sentimento em relação ao contexto da pandemia: *“Não estou gostando nem um pouco! Sinto falta dos meus colegas”* (C, 9 anos). As crianças também explicam como se sentem em relação à mudança na rotina: *“É muito ruim! Não posso fazer nada. Estou sentindo muita falta da escola, sinto falta das aulas de matemática e de conversar com as minhas colegas”* (S, 10 anos)

Além da escola, as crianças também relataram como sentem falta dos familiares: *“Ah, sentindo falta de sair, de visitar meus avós, de poder tomar açaí, tomar sorvete, de ir na igreja, é disso que tô sentindo, de viver minha vida normalmente”* (Y, 8 anos). A família tem papel importante na estabilidade da saúde mental das crianças, pois elas estão em contato direto com suas respectivas famílias. É importante conversar, orientar e informá-las sobre os acontecimentos, além de ser fundamental acalmá-las e tranquilizá-las. Para manter estabilizada a saúde mental das crianças, medidas como essas são importantes tanto para crianças quanto para os adultos.

Para finalizarmos a nossa conversa com as crianças, buscamos investigar qual tem sido o seu maior desejo nesse momento. Para isso, fizemos a seguinte pergunta: *“se você pudesse realizar um pedido, qual seria?”* E todas as crianças são unânimes ao afirmarem que desejam o fim da pandemia e o retorno à rotina normal: *“Queria voltar pra escola... e ver minhas amigas”* (S, 10 anos).

Habitadas com a rotina escolar e com o tempo institucional da escola, que organiza em horários fixos cada atividade, as crianças sentem-se mais seguras com a ideia de organização

(BARBOSA, 2006). Logo, com esse senso de normalidade interrompido, elas alegam sentir falta da rotina que tinham antes da pandemia.

“Eu gostaria de... hum... que tudo voltasse ao normal, e que nem existisse coronavírus.” (Y, 8 anos). A aluna M, de 9 anos, é direta ao afirmar: *“Eu ia pedir que o coronavírus acabasse”*. É fácil concordar e se identificar com a fala das crianças, já que, no momento, esse é o desejo de todos nós.

Considerações Finais

Com base no levantamento de dados, podemos perceber que, de fato, as crianças estão sentindo os impactos da pandemia, sobretudo os impactos da suspensão das aulas. Mesmo que brincar seja algo prazeroso e fundamental, elas necessitam do contato com os colegas, os professores e o ambiente escolar.

As crianças também relataram como se sentem incomodadas com o contexto da pandemia de Covid-19, como sentem falta da rotina anterior à da pandemia, quais são seus medos e frustrações e como o fim do vírus é o que mais desejam neste momento.

Sabemos que interação social é muito importante para todos nós. As funções psíquicas humanas têm sua origem nos processos sociais, são as relações interiorizadas. Nesse sentido, se não existisse o outro, não seria possível o cérebro se desenvolver, nem aprender, por isso é essencial que as crianças mantenham contato com outros seres humanos.

Mas o momento atual demanda distanciamento e cuidado. E devemos nos adaptar, com consciência, a essa demanda. Com a interrupção das atividades escolares, surge para os pais e responsáveis o desafio de promover, em casa, o ambiente de educação e interação social que anteriormente a escola promovia.

Este é, de fato, um período na história para o qual ninguém estava preparado, e principalmente as crianças. Tudo é novo nesse atual cenário e vivemos um momento de incerteza e de constante preocupação. As desigualdades sociais e educacionais, sempre presentes, agora aparecem de forma mais evidente. Por isso, como adultos, temos a função de auxiliar e orientar as crianças para que possam compreender e enfrentar este momento da melhor maneira possível.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BELO HORIZONTE. **Decreto nº 17.332, de 16 de Abril de 2020**. Torna obrigatório o uso de máscaras, restringe o acesso de clientes em estabelecimentos comerciais durante a situação de emergência em saúde pública no município e dá outras providências. Diário Oficial o Município, Belo Horizonte, MG, 2020. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1227955> Acesso em: 02 jun. 2020.

BORSA, J.C. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf> Acesso em: 29 maio 2020.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em: 02 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/Paulo%20Freire%20-%20Conscientiza%C3%A7%C3%A3o_pp.5-19.pdf Acesso em: 02 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

KAULFUSS, Marco Aurélio. Vygotsky e Suas contribuições para a educação, **Revista Científica Eletrônica Da Fait**, Itapeva, SP, 6. ed., p. 1-15, nov. 2015. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/CbhpvBukokmetSx_2017-1-21-11-30-48.pdf Acesso em: 14 jun. 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; PETRONI, Ana Paula; BREMBERGER, Maria Eufrásia de Faria. Psicologia, educação e a sociedade contemporânea: reflexões sob a perspectiva da Psicologia sócio-histórica. **Psicólogo inFormação**, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 99-112, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v11n11/v11n11a06.pdf> Acesso em: 14 jun. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

VYGOTSKY, L.S. **Obras Escogidas: problemas de psicologia geral**. Tomo II. Madrid: Gráficas Rogar, 1982.